

Carta de Esclarecimento à CCCI

Letter of Clarification to the CCCI

Carta de Aclaración para la CCCI

Alexandre Nonato* e Filipe Colpo**

* Voluntário do Departamento Técnico-Científico da Associação Internacional de Inversão Existencial (ASSINVÉXIS).

alenonato@yahoo.com.br

** Coordenador Geral da Associação Internacional de Inversão Existencial (ASSINVÉXIS).

filipecolpo@gmail.com

Texto recebido para publicação em 10.12.09.

.....

Há cerca de 2 anos, a CCCI, em especial a ASSINVÉXIS e o CEAEC vem sendo alvo de críticas constantes por parte do “professor de Conscienciologia” e “voluntário do IPC” Luiz Alexandre da Silva Rosado¹. Muitas dessas críticas, em tom sarcástico e deselegante (conforme veremos adiante), foram explicitadas na Internet, porém nunca feitas diretamente. Rosado tem se esquivado quando convidado a dialogar e debater com a ASSINVÉXIS. É por essas razões citadas que viemos, através desta carta, esclarecer alguns pontos.

Deixamos claro que não somos contra críticas, questionamentos e polêmicas, mas pensamos que uma postura ética e construtiva de um pesquisador se faz, em primeiro lugar, com transparência e debate, preferencialmente presencial. Esta carta foi dividida em três partes básicas, com o intuito de informar a CCCI:

1. Histórico. Descrição de alguns fatos ocorridos nos últimos 2 anos envolvendo a relação de Rosado com a ASSINVÉXIS.

2. Posturas. Algumas reflexões e considerações sobre sua postura nas críticas que tem feito à CCCI nesse período.

3. Ideias. Algumas críticas a suas ideias e interpretações subjetivas em relação à Conscienciologia.

As citações feitas do *twitter* seguiram um padrão personalizado, funcional (data e horário da publicação), tornando mais fácil a consulta feita pelos leitores interessados (assim, nesse caso, não seguimos o padrão ABNT nem o padrão BEE adotado na Enciclopédia da Conscienciologia).

1. HISTÓRICO

No final de 2007, a ASSINVÉXIS recebeu a informação da coordenação do Grinvex Rio de Janeiro que parte desse grupo, o qual Rosado integrava na época, tinha críticas em relação a essa instituição. As principais eram: o modo como a invéxis passou a ser interpretada a partir desta década²; que havia necessidade de uma revisão da Invexologia; que sentiam preconceito, rigidez e arrogância por parte da ASSINVÉXIS de Foz do Iguaçu e que não sentiam abertura para debater, parecendo esta IC funcionar tal qual uma doutrina religiosa e dogmática.

Em reunião geral, na primeira quinzena de janeiro de 2008, os próprios voluntários da ASSINVÉXIS em Foz sugeriram uma reunião para sanar justamente o que nos criticavam: debater, ouvir as críticas deixando todos falarem o que pensavam e esclarecer nosso ponto de vista. Nesse mesmo dia, ligamos para todos os integrantes do grupo para marcar uma reunião, que ficou definida para o dia 26 de janeiro de 2008 (sábado). A pauta foi informada a todos, que confirmaram a presença na reunião, inclusive Rosado. Decidiu-se que

quatro pessoas de Foz iriam para o Rio de Janeiro (entre as quais nós dois, autores desta carta). Para nossa surpresa, Rosado não foi à reunião nem apresentou justificativa para a ausência.

Os resultados da reunião foram ótimos: o grupo amadureceu ainda mais sua estrutura administrativa para consolidar-se como núcleo de trabalho da ASSINVÉXIS no RJ. Todos do Grinvex puderam expressar o que sentiam, suas opiniões e sugestões. E também pudemos falar o que pensávamos. Rosado teve oportunidade de expor suas críticas pessoalmente. Não as fez. Se as críticas dele são construtivas, por que não as fez pessoalmente?

Fizemos um movimento para diálogo, debate e de abertura para receber críticas, inclusive pessoais, se necessário. Não temos nada contra críticas pessoais, desde que tenham base em fatos e sejam feitas diretamente a quem precisa ouvi-las.

No nosso ponto de vista, é prioritário, em Congressos, existirem debates e polêmicas úteis, pois delas resultam novas ideias. Por essa razão, a coordenação técnico-científica do VII Congresso Internacional de Inversão Existencial (VII Cinvéxis, ocorrido em julho de 2008) aprovou o trabalho “Técnica da Apresentação da Trajetória de Vida”, de alguns inversores do Grinvex RJ (organizado por Rosado³), com o intuito de incentivar a pesquisa e a crítica no Grinvex e na ASSINVÉXIS, embora houvesse ideias discordantes da comissão avaliadora do evento. Contudo, surpreendemo-nos mais uma vez com a ausência de Rosado nesse evento (seis meses depois de não haver comparecido à reunião no RJ). Mais uma vez Rosado não justificou a falta. Embora o trabalho tenha sido apresentado por dois co-participantes do projeto, tal fato demonstra, da parte dele, no mínimo, desrespeito e deslealdade com seus colegas e participantes do evento.

Rosado nunca apresentou seus estudos no Cinvéxis (serão oito edições em janeiro de 2010). Quando teve oportunidade, não veio. Para quem se considera um pesquisador da Conscienciologia e fala em “contribuir com uma Invexologia menos dogmática e mais investigativa” é uma incoerência. Onde estão as investigações invexológicas produzidas por Rosado? Por que não participa de eventos nacionais e internacionais desse campo? Sua ação não corresponde ao que afirma:

“Bem, continuo acreditando ainda numa #invexologia menos dogmática e mais investigativa. Quem sabe em 2100? :) Análise no meu site (Artigos)” (ROSADO, *Twitter*, 29.08.09, 5:01 PM).

Mesmo depois de várias oportunidades de debate, Rosado publicou em seu *site* um artigo intitulado “Proposta de Mapeamento dos Aspectos Constitutivos da Invéxis”, (retirou da Internet depois de deixá-lo disponível para *download*⁴). Não era um rascunho, mas um artigo de 18 páginas, bem estruturado, com críticas à invéxis e à CCCI. Tal trabalho foi recusado para o Seminário de Pesquisas do IIPC, no Rio de Janeiro, mas aprovado em São Paulo, para o mesmo evento (23 de maio de 2009). A ASSINVÉXIS não foi convidada para a apresentação, nem tampouco informada⁵.

Em uma última tentativa, a ASSINVÉXIS convidou Rosado para expor suas críticas sobre a invéxis, a essa instituição e à CCCI na Semana da Invéxis, com início no dia 17 de janeiro de 2010. O prazo dado a ele para confirmação foi até setembro de 2009. Ele, mais uma vez, esquivou-se do debate, não dando nenhuma resposta ao convite.

Sem possibilidade de debatermos pessoalmente com ele (e continuando a receber críticas covardes à distância), não nos restou outra possibilidade a não ser a de nos posicionarmos publicamente. Em conversa informal, a sugestão feita pelo prof. Waldo Vieira foi de que fizéssemos essa carta para ficar registrada e disponível para a CCCI. No dia 8 de outubro de 2009, o prof. Waldo Vieira comentou em tertúlia *online* sobre a elaboração desta carta e o seu intuito. Quase imediatamente, a ASSINVÉXIS recebeu alguns

recados via *twitter* que Rosado mandaria seu artigo para debater na Semana da Invéxis. *Por que ele mudou de idéia tão rapidamente?*

Recebemos uma versão atualizada de seu trabalho, com o título “Mapeamento dos Aspectos Constitutivos da Invéxis e sua Noção Socialmente Construída” (ROSADO, 2009a), e a confirmação (atrasada) da sua participação no evento, conforme descrito no *e-mail* abaixo:

Olá pessoal,
Conforme foi prometido, envio em anexo o trabalho para o Cinvéxis 2009.
Qualquer coisa, estou disponível para contato pelo msn (...), e-mail (...) e telefone (...).
Grande abraço,
Alexandre Rosado
(*e-mail* enviado para pesquisa@assinvexis.org , 11.10.09, domingo, 13:19)

No dia 14 de outubro de 2009, o prof. Waldo Vieira leu em tertúlia *online* um resumo do artigo convidando todos os interessados a participarem de um debate público e gratuito com Rosado em Foz do Iguaçu, durante a Semana da Invéxis de 2010 (V. depoimento em YouTube; disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pCTbO5TU_xU&feature=related>).

Mas, no dia 3 de dezembro de 2009, Rosado enviou mais um recado em seu *twitter* para o “pessoal da @Assinvexis” alegando: “Não terei como ir dia 17 (de janeiro), estou refazendo meu projeto (de doutorado) para fevereiro”. O curioso é que, um dia antes deste recado, Rosado encontrou tempo para escrever e publicar em seu *blog* mais um artigo criticando a ASSINVÉXIS, com o título “Invéxis como Exercício de Poder”.

Ao longo desses 2 anos foram várias as ocorrências nas quais Rosado afirmou algo, mas sua ação, em seguida, não correspondeu ao discurso. Embora sempre diga que está à disposição para debater sobre o suposto dogmatismo da ASSINVÉXIS e suas críticas à invéxis, Rosado nunca fez isso com pesquisadores dessa instituição, justamente a que ele mais critica. Preferiu fazer isso, até o momento, apenas com um público que sabe que não criticará suas ideias.

2. POSTURAS

Nesta parte da carta, vamos expor algumas opiniões de Rosado que, no nosso ponto de vista, demonstram críticas baseadas em antagonismos e apriorismos pessoais. Vejamos um exemplo publicado em seu *twitter*: “Acabei de receber o cronograma com os trabalhos do VII Cinvéxis. Mais do mesmo. Até quando ficaremos nas avaliações e condenações?” (ROSADO, *Twitter*, 29.08.09, 4:58 PM).

Como pode Rosado afirmar isso sem ter participado do evento ou, pelo menos, lido os trabalhos na íntegra (Anais)? Rosado afirma que a ASSINVÉXIS condena e julga outrem em suas atividades, mas ele mesmo condena o evento e os pesquisadores da Conscienciologia com base em um cronograma enviado por *e-mail*. E se ele acha que o evento é “mais do mesmo”, por que não compareceu nas oportunidades que teve para expor diretamente o que pensa?

O antagonismo de Rosado não se limita à invéxis e à ASSINVÉXIS. No citado artigo (ROSADO, 2009a), ele faz críticas imprecisas quanto ao nível de cosmoética das pessoas que integram a CCCI. Em nota, ele explica o porquê de usar a expressão “Comunidade Conscienciológica” ao invés de “Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional”:

Não será utilizado o termo ‘Comunidade Conscienciológica *Cosmoética*’, visto que o termo *cosmoético* aplicado a toda comunidade supõe, como princípio, um comportamento

ético constante, porém nem sempre observado na prática e na convivência cotidiana. Em tese, a comunidade conscienciológica cosmoética deveria ser composta *somente* de pessoas com a desenvoltura do que se convencionou chamar *ser desperto* (ROSADO, 2009a, p. 10).

Para nós, esse raciocínio está mais para sofisma do que para lógica. Rosado mostra não ter estudado o suficiente a bibliografia conscienciológica, pois o desperto representa 50% da escala evolutiva das consciências, logo, ainda não é 100% cosmoético. Pela sua lógica, Rosado está errado ao dizer que a CCCI “deveria ser composta somente de pessoas com a desenvoltura do que se convencionou chamar ser desperto”, pois, sob sua ótica, nem despertados poderiam fazer parte dela.

A interpretação de Rosado é totalitária, pois, do modo como argumenta, não admite nuances e gradações. Por exemplo, supondo que exista alguma comunidade de projetores conscientes, é lógico pensar que haveria calouros, intermediários e veteranos. Enfim, gradações que foram classificadas com intuito meramente didático, mas que apenas expressam diferentes níveis de experiência. O mesmo ocorre em uma comunidade cosmoética. CCCI significa um grupo de pessoas que já pensa em cosmoética e busca vivenciá-la, procura lapidá-la no dia a dia, através do esforço de identificar e retificar os próprios erros.

Duplo erro de Rosado: de interpretação e na crítica que faz em si. E além dos erros conceituais e de interpretação, vale a reflexão: esse comentário de Rosado é assistencial?

No mesmo texto, Rosado também faz comparações infundadas a respeito da opção pela antimaternidade, insinuando que inversores deixam de ter filhos do mesmo modo que um sacerdote celibatário se priva de uma mulher para formar par com a divindade. Outra vez uma crítica sem qualquer intenção construtiva, de cunho meramente pessoal (condenação) e preconceituoso:

Tempo. Afinal, porque evitar acentuados comprometimentos? A lógica seria: caso o jovem por ingenuidade caia em um comprometimento acentuado durante sua juventude e o seu foco se volte para administrar esse comprometimento, o tempo gasto nesta atitude inviabilizaria a realização do planejamento e das metas acordadas com o grupo e as personalidades amparadoras antes do renascimento físico. Daí a existência de inúmeros artigos a respeito dos chamados mata-burros da inversão existencial, hoje priorizados como pesquisa institucional da Assinvéxis (ano-base 2007) e que se tornaram condensadores morais de seu discurso, inclusive impressos em cartazes a vista de todos na instituição. São os fatores de instabilidade geradores de repulsa pública, expostas para que todos as evitem.

Conclusão. Por este ponto de vista chega-se à seguinte conclusão: evitar comprometimentos fortes só faz sentido quando a pessoa possui uma programação de vida que exija tempo e disponibilidade total ou quase-total para a execução de alguma meta de vida ampla e homeostática para a sociedade.

Tempo-qualidade. É importante nesse ponto pensarmos sobre a associação automática que é feita entre tempo e qualidade de trabalho. Dentro deste esquema mental, a qualidade de uma idéia, de uma instituição ou obra é medida pelo seu tempo de dedicação (devoção). Tais vínculos acabam resultando no descarte do que atrapalha tais objetivos. Encontramos tal lógica no discurso do celibato, em que o sacerdote se priva da “distração” representada pela mulher e pelo sexo, para formar um par produtivo com a divindade (Deus), negando o prazer do corpo substituído pelo prazer da alma e da recompensa simbólica pela conversão de mais fiéis. Em ambos os casos, a noção de abnegação altruísta, evitação e controle do acesso aos prazeres do mundo, visando o bem estar do outro (humanidade), está presente em sua plenitude (sic) (ROSADO, 2009a, p. 20 e 21).

A afirmação acima demonstra que Rosado não se preocupou minimamente em se informar sobre a razão da produção de artigos sobre o tema *mata-burros da invéxis*. Tal fato surgiu da sugestão de uma consciex,

repassada durante um curso ECP2, em 2005. A indicação foi que os voluntários da ASSINVÉXIS enumerassem os erros mais recorrentes cometidos desde os primeiros grupos de inversores até aquele período e os deixassem fixados num *banner*, de modo que todos que desejassem pudessem avaliar suas decisões em relação aos *mata-burros* já identificados. Realizamos vários debates com inversores de diferentes faixas etárias para chegar a um consenso.

O foco principal foi aprender com os erros já cometidos em diversos projetos desenvolvidos por grupos de inversores e, principalmente, a superação do porão consciencial. Aliás, esses *mata-burros* não têm relação direta com “acentuados comprometimentos”, e sim com posturas intraconscenciais relacionadas ao porão consciencial. A ideia não é de “repulsa pública, expostas para que todos as evitem”, mas promover debate e reflexão para quem desejar. Afinal, por que um simples *banner* institucional incomoda tanto Rosado?

Outro ponto: com base em quê Rosado afirma que há uma associação automática entre tempo e qualidade? Qual a referência bibliográfica ou fatos concretos que confirmam essa afirmação? Rosado utiliza seu texto, com base em interpretações subjetivas, para julgar as pessoas na CCCI.

E mesmo que Rosado esteja certo (o que não concordamos), qual a relação que há entre “dedicação (devoção)”, “descarte do que atrapalha tais objetivos” e “discurso do celibato, em que o sacerdote se priva da ‘distração’”? Para nós, trata-se de mais um sofisma de Rosado. Utilizando o seu raciocínio: um vestibulando dedica grande parte do seu dia (muitas vezes por vários anos) para o estudo visando ingressar em faculdade de Medicina (devoção). Para isso descarta várias prioridades que atrapalham seus objetivos (sai menos com amigos, corta alguns lazeres, evita dormir tarde, adia viagens, etc), logo, age do mesmo modo que um sacerdote, com discurso semelhante ao celibato?

Pelo exemplo acima, percebe-se que Rosado desconsidera dois pontos fundamentais em seus argumentos: a intencionalidade e o objetivo final. Um sacerdote geralmente age com base em dogmas; um vestibulando, na maioria das vezes, não. Assim, podemos fazer alguns questionamentos no texto oblíquo de Rosado: ele considera que todo tipo de dedicação e descarte de prioridades secundárias para um fim maior são posturas equivalentes a de um sacerdote? Se não, por que considera que um inversor age sempre de tal modo? Que intenção tem Rosado ao comparar um inversor com sacerdote, usando exemplos vagos e interpretações subjetivas?

Consideramos as afirmações de Rosado inadequadas, desproporcionais e irreais. Uma das premissas da invéxis é a constituição de uma dupla evolutiva, sendo, antes de mais nada, um relacionamento afetivo-sexual. Uma das premissas da dupla evolutiva é justamente o oposto do que faz um sacerdote (celibatário): sexo diário. Tal tema gera, inclusive, grande controvérsia em cursos de Conscienciologia, já que nossa sociedade ainda traz um ranço religioso muito forte. Somos criticados justamente por indicar uma prioridade (sexo diário monogâmico) que deveria promover mais prazer e equilíbrio às pessoas.

Afinal, quais seriam “os prazeres do mundo”, de acordo com Rosado, que os inversores existenciais descartam “visando o bem estar do outro”? Casamento? Maternidade? Drogadição? Riscomania? Tatuagens? Bem, para muita gente (não estamos nos referindo somente à CCCI), nenhum desses itens constitui forma de prazer.

Também vale lembrar que a antimaternidade é cada vez mais comum na sociedade em que vivemos, portanto, não é “bandeira” da Conscienciologia e nada tem a ver com postura religiosa. Existem movimentos, por exemplo *Childfree* e *No kidding*, que defendem explicitamente esses princípios, sem vinculações religiosas, embora nem sempre com intenções assistenciais. Os casais que optam por uma vida sem filhos são cada vez mais comuns (GOMES, 2002; MAGESTE, 2002; MANTOVANI, 2007). Na invéxis, a antimaternidade produtiva e cosmoética é um dos itens que compõe essa opção evolutiva.

A ASSINVÉXIS não é contra crianças nem maternidade, mas a favor do direito de quem não deseja ter filhos para se dedicar à interassistencialidade. Quem desejar a maternidade / paternidade deve buscar

o que é melhor para si e seguir em frente. Tal fato não inviabiliza a proéxis. Apenas nos posicionamos que tal prioridade não tem relação com a técnica da invéxis. Assim, se a pessoa desejar ter filhos, deve buscar outra estratégia evolutiva compatível com seus valores pessoais. A antimaternidade sadia é para quem considera que essa experiência não é necessária para si.

Num ponto concordamos com Rosado: o ideal é que a pessoa tenha alguma noção da sua proéxis para optar pela antimaternidade lúcida, embora uma pessoa possa não ter feito um curso intermissivo e também optar pela antimaternidade.

Em seu *twitter*, Rosado faz questionamentos, que consideramos ainda mais deselegantes e preconceituosos, quanto à afinidade da CCCI com gatos:

#conscienciológicas: Definição. A inversão existencial é a técnica do maxiplanejamento de vida, desde cedo, objetivando a criação de felinos (ROSADO, *Twitter*; 16.07.09, 9:45 AM).

#invexológicas: ainda tentando entender pela abordagem freudiana a substituição de filhos por gatos. Qual a vantagem? Psicólogos, expliquem (ROSADO, *Twitter*; 05.09.09, 1:43 PM).

Continuando... Ahh sim, pela abordagem econômica, um gato é mais barato. Pela psicológica, o gato não fala e nem tem opinião formada (ROSADO, *Twitter*; 05.09.09, 1:45 PM).

Quanto aos gatos, eles viraram uma marca cultural de grupo. Logo, defende-se a otimização do tempo, mas trata-se dos gatos como filhos (ROSADO, *Twitter*; 06.09.09, 10:44 AM).

A afinidade com gatos não é específica de inversores nem da Cognópolis Foz ou da CCCI. Rosado não baseia seus comentários em fatos e investigações documentais, preferindo fazer julgamentos e condenações pejorativas, moralistas, a partir de pressupostos preconceituosos. Com base em quê se afirma que é marca cultural do grupo (CCCI)? De acordo com um censo realizado pela UNICIN⁶, o número de cães na Cognópolis Foz é de 129, pouco menos que os gatos, 159. Portanto, com base em dados oficiais, podemos concluir até o momento apenas um único fato: os voluntários da Cognópolis Foz apreciam animais domésticos (em especial cães e gatos). Desconhecemos, até o momento, a existência de um censo feito sobre animais domésticos de voluntários da CCCI (que inclui outras regiões além de Foz).

Sugerimos a Rosado fazer uma pesquisa de campo comparando dois grupos distintos na CCCI: casais com filhos e casais sem filhos com animais domésticos. Esses últimos têm animais domésticos devido ao mecanismo de compensação, tal qual insinua nas entrelinhas?

Por enquanto, ele apenas julga e condena (com base em valores e crenças subjetivas), ao invés de mostrar dados concretos (pesquisa científica). Reflexão: Qual o percentual de tares em seus comentários acima? Qual o percentual de *jornalismo marrom* em suas insinuações infundadas?

3. IDEIAS

Nesta última parte da carta, procuramos explicitar as discordâncias que temos com Rosado em relação as suas interpretações da Conscienciologia e da Invexologia. Ele tem todo o direito de expressar suas opiniões, mas quando se apresenta na Internet na condição de professor da Conscienciologia, pressupõe-se que tenha compatibilidade mínima quanto ao paradigma consciencial. No nosso ponto de vista, tal fato não ocorre em muitas afirmações.

Em diversos trechos de seu artigo e declarações via *twitter*, por exemplo estes três a seguir, Rosado reduz a Conscienciologia a mera ideologia, segundo ele baseada em crenças e valores, insinuando nas entrelinhas que as pessoas buscam se adequar a padrões de comportamentos impostos para controle coletivo:

Outras entidades criadas culturalmente: #shiva #avatar #serenão #espíritopuro #jeová #krishna #buda #tao #santos..." (ROSADO, *Twitter*; 08.08.09, 11:00 PM).

"Não se pode negar que a Conscienciologia também possua sua ideologia própria (sic), seu conjunto de valores, normas e princípios construídos, acordados e reforçados em grupo e dos quais é imprescindível a adoção para poder pertencer a este grupo. Uma outra pesquisa seria necessária só para mapear os comportamentos aceitos e os comportamentos não aceitos na Comunidade Conscienciológica, levando-se em conta até que ponto tais comportamentos estão alinhados com a ideologia ocidental predominante neste início de século XXI, e de certa forma já bem mapeada por autores como Zygmunt Bauman (1998, 2001) e Anthony Giddens (1991).

(...) De certa maneira, a escala evolutiva criada a partir de observações do pesquisador⁷ agora condiciona as ações dos indivíduos para se adequarem a esta mesma escala" (ROSADO, 2009a, p. 7 e 8).

Técnicas. Na Conscienciologia essas formas de organizar os dados coletados estão presentes em técnicas como: lista de trafores, trafares e trafais, planilhas evolutivas contendo metas mais amplas, planilha de metas do ECPI, gráfico 360° da consciência entre outros instrumentos.

Adequação. Apesar de todo aspecto de *segurança e controle* (racionalidade) oferecidos por tais procedimentos, devemos lembrar que são, em última análise, instrumentos de avaliação de *performance* e de adequação aos modelos de vida propostos pela Conscienciologia (sistemas de controle), sendo útil ao aplicador estar ciente de tais adequações e de que as está seguindo (reconhecer a existência das regras do jogo e assumir suas conseqüências) (ROSADO, 2009a, p. 17 e 18).

Apenas num ponto concordamos com Rosado: nós autores desta carta, realmente desejamos nos adequar à escala evolutiva proposta por Vieira (2004, p. 198). Ser tenepessista é o primeiro passo básico, depois epicentro lúcido e, se possível, atingir a desperticidade. Porém, ter como referencial a escala evolutiva das consciências de Vieira nada tem de padronização. Ocorre justamente o contrário.

A técnica da invéxis, as planilhas de autopesquisa, a escala evolutiva, na condição de referenciais e instrumentos, têm exatamente o efeito contrário sugerido por Rosado: permitem a emersão de trafores que tornam a pessoa ainda mais singular. Nessa linha de raciocínio de Rosado, epicons teriam comportamentos padronizados, pois estariam "adequados" a "sistemas de controle" conscienciológicos. Mas a realidade é bem diferente. Você, leitor ou leitora, conhece dois epicons iguais? Ou são personalidades com temperamentos diferentes?

Também discordamos quando Rosado utiliza em seu discurso a palavra "controle" considerando apenas as acepções de imposição e de subjugação. Existem uma série de sistemas de controles sociais, por exemplo as leis (aparentes imposições), positivos e necessários, frutos de consensos temporários que podem mudar com o tempo. O interessante é ver que até mesmo Rosado (2009a, p. 24) não escapa de fazer sugestões prescritivas (algo que critica na ASSINVÉXIS), indicando o próprio sistema de controle em *Resumo Descritivo dos Aspectos Constitutivos da Inversão Existencial*:

"Meta de vida intervencionista homeostática (assistência)"	"É a constituição de um objetivo principal de vida que exige interferência nos esquemas de pensamento e valores de grande número de indivíduos, tornando-os mais homeostáticos e saudáveis" (Grifo dos autores).
(...)	
"Visão de conjunto ampla sobre a realidade intra e extrafísica"	"É a constituição crescente de ampla visão de conjunto da realidade que qualifique a execução bem sucedida da meta de vida ampla e da intervenção qualificada na vida dos demais" (Grifo dos autores).

Primeiro se critica os sistemas de controle da Conscienciologia. Depois se prescreve uma “meta de vida intervencionista homeostática” e se propõe uma “visão de conjunto ampla sobre a realidade intra e extrafísica” para “intervenção qualificada”? Afinal, qual a intenção de Rosado ao criticar o que ele considera “sistemas de controle” da Conscienciologia se propõe esquemas que podem ser igualmente interpretados na condição de sistemas de controle? A “intervenção qualificada” é a proposta assistencial de Rosado? Onde estão os exemplos práticos para elucidar o que propõe? Que resultados práticos já obteve com suas propostas?

As propostas de Rosado são confusas, pois todas elas poderiam servir tanto para inversores quanto para reciclantes. Assim, qual a razão de escrever um “Mapeamento dos Aspectos Constitutivos da Invéxis” se o que propõe também serve para qualquer conscin? O que ele propõe é um referencial para planejamento da vida humana. Porém, não necessariamente tem relação com a invéxis.

O que Rosado interpreta pejorativamente como “sistema de controle” da Conscienciologia, chamamos de consensos temporários ou verdades relativas de ponta. A ausência de consensos significa anarquia e anomia. E a confusão de conceitos e interpretação continua:

Liberdade. A primeira liberdade a ser conquistada é a de *escolha do modelo de vida* a ser seguido. O mais inteligente no caso é que o modelo de vida seja elaborado para o caso específico da consciência ao invés de ser sistematizado e uniformizado para uma massa de indivíduos, como *fator de homogeneização*. Basta lembrar que inúmeros modelos com pretensões de homogeneizar grupos de milhões de pessoas surgiram ao longo da nossa História recente (muitos outros com certeza ainda surgirão). Exemplos: comunismo, marxismo, cristianismo, islamismo, kardecismo, budismo, academicismo, cientificismo, liberalismo entre outros (...)

Controle-adequação. No caso da homogeneização grupal, o fator de sucesso deixaria de ser a realização de algo benéfico para a sociedade (finalidade última da invéxis), transformando em êxito o grau de adaptabilidade ao conjunto de regras e acordos de conduta representados pela técnica da inversão existencial. O invexograma, neste caso, se torna instrumento de classificação e controle dos indivíduos, visando avaliar para adequar o sujeito a um ideal acordado e construído em grupo.

Questionamento. Que utilidade teria a Invexologia (ciência) ao criar o *invexismo* (doutrina) com seus instrumentos de medida e controle comportamentais? (ROSADO, 2009a, p. 22)

Concordamos com Rosado quando ele afirma que “a primeira liberdade a ser conquistada é a de escolha do modelo de vida a ser seguido”. No entanto, a sistematização de uma técnica, suas prescrições e normas não levam à uniformização de indivíduos nem são fatores de homogeneização grupal. Cada um tem a liberdade de fazer o que desejar. Apenas informamos.

Cristianismo, islamismo e outras religiões historicamente se consolidaram com base em dogmas e imposições. O comunismo levou à eliminação de muitos opositores políticos em diversos países, a exemplo de Cuba (*paredón*). Assim, ao questionar “que utilidade teria a Invexologia (ciência) ao criar o *invexismo* (doutrina)”, Rosado deixa nas entrelinhas que há dogmas e eliminação de opositores entre os pesquisadores desta área? Quais são os fatos? Mais uma vez Rosado deixa no ar suas impressões subjetivas, criando uma penumbra de ideias que em nada ajudam a esclarecer e melhorar a “realidade” que critica.

Outro ponto: não há nenhuma referência explícita em sua bibliografia sobre o invexograma. Baseado em quê Rosado faz críticas ao invexograma? O que torna exatamente o invexograma um sistema de controle, tendo em vista ser um recurso disponível para quem quer? Mais uma vez, a ausência de referências claras demonstra a fragilidade de seus argumentos (*achismos*).

Rosado também demonstra estar desatualizado. O Tenepessograma e o Energograma são hoje trabalhados em cursos da Conscienciologia tanto quanto o Invexograma. No entanto, não receberam nenhuma menção em seu texto. Por quê?

Outra referência constante de Rosado é em relação à valorização da CCCI quanto à melhoria de *performance*. Para ele, o âmago da motivação de inversores e integrantes da CCCI estaria na competição, no desejo de se adequar ao grupo, que estariam convergentes com as mudanças ocorridas a partir dos séculos XVIII e XIX:

Performance. De certa forma a invéxis é influenciada pelos ideais de aumento de desempenho, vigente desde a segunda metade do século XX nas ciências acadêmicas em geral (principalmente as técnicas) e na sociedade como um todo, que deixaram de ter como ponto de referência principal os ideais humanos de emancipação do homem, passando ao predomínio dos ideais de *aumento de performance* individual e coletiva através do uso de tecnologias (LYOTARD, 2006). Os movimentos de globalização dos mercados e da competitividade crescente entre indivíduos são evidências claras desta escalada performática.

Tecnologia. Vale lembrar que a invéxis é uma tecnologia baseada em procedimentos e normas de comportamentos de vida, tidas cada vez mais em seu grupo de referência como *inerentes* ao ser humano, excluindo-se sua influência mesológica (culturalmente localizadas), ou seja, sua criação a partir de valores sociais vigentes.

Revelação. É comum o pensamento de que a invéxis é inerente à evolução da sociedade, que simplesmente foi revelada ao seu propositor (visto como exemplo a ser seguido) codificada em texto e sempre existiu da mesma maneira em outros planetas *superiores* ao nosso, sendo o mais adequado segui-la, fazendo-se pequenas adaptações sem atingir pilares considerados essenciais a mesma. Um sistema socialmente criado é desta maneira destacado da própria sociedade que o criou, sendo posto acima dela, neutro em sua essência e universal em sua prática. Fundamenta-se assim a idolatria à técnica e seus efeitos. (...)

Normalidade. O inversor existencial nesse caso, a grosso modo, atende diversas expectativas da atual sociedade (o que era de se esperar de um jovem-adulto “bem sucedido”) vistas como positivas na própria lógica da competitividade e performance individual do sistema e organização social em vigor (uma aproximação de escala de valores que não pode ser ignorada), que a princípio não são prejudiciais, porém um pouco menos “sociais” (coletivas) e mais individuais. (...)

Proéxis. O conceito de programação existencial (proéxis) é central no discurso sobre a invéxis, pois a finalidade do indivíduo inversor é chegar ao final da vida com razoável grau de êxito dos objetivos previamente acordados na dimensão extrafísica (curso intermissivo). O conceito de proéxis, no entanto, se liga hoje aos ideais de aumento de *performance* tão valorizados, por exemplo, pela área de administração de empresas, com seus diversos fluxogramas, organogramas e cronogramas.

Otimização. Dentro desta lógica discursiva, é fácil perceber que pelo ideal de melhoria coletiva de um grupo deve-se *otimizar* (tornar ótimo) ao máximo os desempenhos das peças, alinhando-as e se evitando ao máximo os distúrbios (conflitos de interesses e de opiniões). Esse ideal é bem expresso na frase “*minipeça no maximecanismo*”, uma chamada ao auto-ajustamento diante das funções acordadas em grupo.

Maximecanismo. Lembremos que o mecanismo tem relação direta com o ideal presente no mecanicismo dos séculos XVIII e XIX, metáfora relativa ao funcionamento das peças do relógio (ou qualquer outro aparelho mecânico) que, em harmonia, geram grande precisão ao informar as horas. *Precisão dos desempenhos e ajuste do comportamento* complementam-se nessa concepção metafórica, comparando-se as ações humanas à precisão dos objetos mecânicos, ou seja, destituindo o imprevisto representado pela subjetividade humana em suas relações sociais.

Equilíbrio. Implicitamente o conceito de proéxis supõe esse alinhamento de peças, tal como em uma máquina bem ajustada, e a conseqüente recusa ou temor de fatores relativos ao desequilíbrio ou possíveis acidentes. É o medo da perda de controle, do fator imprevisto,

da sujeira na máquina. Isso de certa forma contrasta com o princípio básico da ciência, a renovação, que supõe desequilíbrios e reajustes constantes. Em ciência é necessário haver ambiente que permita a discordância. Exemplo: não é incomum existir em sistemas baseados na idéia de homogeneização (mecanismo ajustado), a exemplo do comunismo soviético (1917–1989), um conflito entre igualdade dos membros e avanço social de idéias (criatividade).

Holociclo. Exemplo contemporâneo de mecanismo ajustado na Conscienciologia é o Holociclo, uma *fábrica* de verbetes e de produção intelectual em série, com equipes superespecializadas, funcionando em ordem pré-determinada, a fim de controlar o *caos* representado pelas informações do mundo contemporâneo. Tal controle é exercido de maneira semelhante aos iluministas do século XVIII, criando-se sistemas classificatórios, hierarquias e esquematizações, cada vez mais complexas e crescentes. O ápice desse ordenamento simbólico, tanto hoje como na época iluminista, são os dicionários, os catálogos e as enciclopédias, sistemas armazenadores e fixadores do caos encontrado na relação do homem com seu ambiente exterior (BURKE, 2003).

Contradição. Dessa forma cria-se um conflito entre desempenho ajustado ao modelo criado, como por exemplo, o de *inversor ideal*, a princípio já definido e instaurado no texto precursor da técnica (VIEIRA, 1994, p. 699), com a proposta de inovação e contestação incentivada pela própria técnica de inversão existencial. Caos, subjetividade e instabilidade *versus* controle, razão e estabilidade (ROSADO, 2009a, p. 8 a 12).

Mas afinal, qual é o problema relacionado ao fato da CCCI buscar a melhoria da *performance* evolutiva? Fazemos uma faculdade para melhorar nossa *performance* intelectual, profissional e financeira. Votamos em um político nas eleições com objetivo de melhorar a *performance* de uma administração pública (Executivo e Legislativo). Na Conscienciologia, utiliza-se, por exemplo, as técnicas projetivas, a do estado vibracional e a da invéxis para a melhoria de *performance* evolutiva. Isso não tem relação com princípios de competição e de adequação grupal.

Rosado compara um aumento de *performance* que tem foco na evolução, na interassistencialidade, na maxiproéxis grupal com a *performance* visando lucro. Objetivos e intenções bem diferentes. É mais uma de suas confusões conceituais e contextuais.

Quais são os fatos que mostram que “de certa forma a invéxis é influenciada pelos ideais de aumento de desempenho, vigente desde a segunda metade do século XX nas ciências acadêmicas em geral”? A proposta da invéxis é justamente oposta à comparação feita por Rosado. O fato da invéxis ser normativa e prescritiva não significa que ela esteja de acordo ou foi influenciada pelos “ideais de aumento de performance individual e coletiva através do uso de tecnologias”, frutos do capitalismo. Tais prescrições invexológicas podem ser revistas ou até descartadas a partir do momento que se mostrarem obsoletas e sem utilidade.

Outra interpretação equivocada de Rosado: o fato de ter um foco nos procedimentos técnicos da invéxis (prescrições e normas) não significa tecnolatria. Ele mesmo recomenda técnicas em seu texto e não se considera tecnólata. Concordamos quando Rosado ressalta que a essência da invéxis é mais importante do que a técnica em si. Contudo, discordamos quando ele afirma que o foco da ASSINVÉXIS tem sido muito mais nas “normas de condutas”. Os cursos *Formação do Invexólogo, Prática da Tridotação na Invéxis, Casuística Invexológica, dinâmicas parapsíquicas* (em parceria com o CEAEC, tendo ênfase em curso intermissivo e invexologia), *Identificação das Diretrizes da Proéxis* (evento da APEX com turmas especiais para inversores) são exemplos de atividades institucionais (e parcerias) que buscam incentivar correlações da técnica com proéxis, curso intermissivo, parapsiquismo, vivências práticas e cotidianas.

Rosado não participou de nenhum desses eventos nas várias turmas já realizadas. Então, como pode afirmar que a ênfase institucional é principalmente nos aspectos prescritivos da técnica? Existem eventos

da ASSINVÉXIS, por exemplo o curso *Teoria e Prática de Inversão Existencial* (TPIE) cujos temas inevitavelmente dão ênfase aos aspectos prescritivos, pois o público ainda desconhece os princípios técnicos básicos. Outra atividade que Rosado desconhece é o curso *Técnica de Viver*, com previsão de lançamento para 2010 (deve ser oferecido em várias cidades no Brasil). O objetivo é apresentar a razão de ser de uma técnica evolutiva, por que o uso de técnicas é indispensável no dia a dia e um exercício de autorreflexão sobre qual é a técnica evolutiva mais adequada (invéxis, recéxis ou nenhuma das duas). Ao se esquivar de diálogo direto com a ASSINVÉXIS, Rosado perde não só a oportunidade de esclarecer o que pensa, mas também de se atualizar sobre a instituição, algo essencial em um pesquisador aberto e neofílico.

Rosado parece não compreender muito bem o conceito de técnica ao afirmar que “a invéxis é uma tecnologia baseada em procedimentos e normas de comportamentos de vida, tidas cada vez mais em seu grupo de referência como *inerentes* ao ser humano (...)”. Se fosse inerente, a invéxis não seria técnica, e sim um estágio evolutivo. Além disso, sua visão sobre ciência se mostra limitada ao escrever: “isso de certa forma contrasta com o princípio básico da ciência, a renovação, que supõe desequilíbrios e reajustes constantes”. A ciência não se desenvolve somente pelo dissenso, mas pelo consenso e aprofundamento de conceitos ainda pouco explorados. Outro ponto: por que contestação tem que estar atrelada a caos, a subjetividade e a instabilidade, conforme menciona nas últimas linhas? Não existem contestações objetivas e racionais?

Embora Rosado critique a busca dos inversores pela melhoria de *performance*, ele não deixa de cobrar em seu texto a melhoria de *performance* da Invexologia (ou, no caso, da ASSINVÉXIS):

Contestação. Em 15 anos de proposta da invéxis praticamente nenhum de seus fundamentos básicos e de sua operacionalidade foi modificado ou seriamente contestado, utilizando-se argumentos dos mais variados possíveis: incapacidade evolutiva dos pesquisadores; ausência de parapsiquismo e lucidez; e até mesmo “uma técnica é uma técnica, devendo-se executá-la tal como é, e pronto”. Predomina, em muitos casos, a postura de defesa da técnica (apego emocional) e não a de pesquisador da ciência Invexologia (busca de um mínimo de isenção). Está mais que na hora de conceber a Invexologia como campo de pesquisa mais amplo e sujeito a novos enfoques e interpretações (ROSADO, 2009a, p. 13).

Concordamos com a necessidade de desenvolvimento da proposta da invéxis, inclusive de mudanças (avanço, evolução, desenvolvimento, contestações, novos enfoques). No entanto, a pesquisa da invéxis está estreitamente relacionada ao *estudo longitudinal*, requerendo décadas de observações, especialmente pelo fato de que nem todos os praticantes da invéxis seguem aplicando essa técnica até o final da vida. Com o passar do tempo teremos cada vez mais casos práticos a serem analisados e interpretados através de correlações de pontos em comum e verificação de singularidades.

A invéxis é uma técnica de uma existência, portanto, é perfeitamente natural e compreensível que em 15 anos “praticamente nenhum fundamento básico e de sua operacionalidade” tenha sido “modificado ou seriamente contestado”. Isso não tem relação com “incapacidade” e “ausência de parapsiquismo”, que Rosado não deixa claro se são julgamentos e condenações pessoais ou interpretações baseadas em alguns de seus “depoimentos informais” (indisponíveis até o momento). O mesmo raciocínio de Rosado pode ser aplicado para as técnicas do estado vibracional e da tenepes, que certamente serão aprofundadas ou modificadas com o acúmulo de experiências.

Infelizmente, Rosado prefere mais uma vez julgar e condenar pessoas, ao invés de mostrar fatos, quando afirma de modo peremptório: “Predomina, em muitos casos, a postura de defesa da técnica (apego emocional) e não a de pesquisador da ciência Invexologia”. Declaração contundente para alguém que não participa de atividades da ASSINVÉXIS há um bom tempo e foge de debate com pesquisadores da técnica.

Por último, fica a reflexão sobre a incoerência de outra declaração: “Está mais que na hora de conceber a Inxevologia como campo de pesquisa mais amplo e sujeito a novos enfoques e interpretações”. Concordamos plenamente com essa afirmação, e a ASSINVÉXIS tem se esforçado para isso. Exemplo disso são os constantes convites que temos feito a Rosado para debater suas ideias. Mais uma frase de efeito que não corresponde às suas ações.

Vieira (1994, p. 689-715) propôs duas técnicas evolutivas básicas; contudo, isso não significa que outras técnicas ou meios de aplicação do curso intermissivo no intrafísico não possam ser propostos, sejam diferentes ou até discordantes dos pressupostos da invéxis.

Há muitos trechos do texto de Rosado que demonstram obliquidade em suas intenções e interpretações subjetivas infundadas. Em certo momento, no artigo *Mapeamento dos Aspectos Constitutivos da Invéxis*, ele insinua que os inversores da CCCI não têm lembrança de cursos intermissivos:

Lacunas. É curioso nesse ponto que notemos a fragilidade, vista aqui como lacuna, dos dados apresentados no campo de pesquisa da inversão existencial, pois ainda é praticamente nula a existência de artigos, relatos e outros tipos de iniciativas de registros de experiências extrafísicas relacionadas a cursos intermissivos.

Fontes. Curiosamente, apesar de todos os fatores negativos relacionados ao tema religiosidade, apontados pela Conscienciologia quando assume o imaginário da ciência com sua suposta neutralidade, é no campo do espiritismo que encontramos uma rica gama de relatos traduzidos em forma de textos em inúmeros livros psicografados. Um dos mais conhecidos no Brasil é *Nosso Lar* (LUIZ, 1999), psicografado em 1944, porém a literatura espírita voltada ao público jovem apresenta relatos intermissivos detalhados em livros como *Violetas na Janela* (CARVALHO, 2002), *Vivendo no Mundo dos Espíritos* (CARVALHO, 2000), assim como o livro *Céu Azul* (CAMARGO, 2000). (...)

Prioridade. A pesquisa dos cursos intermissivos deveria ser prioridade básica das instituições que trabalham com o conceito de inversão existencial e proéxis, pois é a parte mais essencial de sua empiria. Isso se deve ao simples fato de que sem acesso aos locais onde são dadas as aulas, feitos os debates e definidos os planejamentos de vida, pouco pode se avançar nas otimizações intrafísicas (locais de recepção; temas de estudo; meios de divulgação; cursos ministrados) e nas ações de recepção e ajuda às consciências recém-ressomadas, proposta esta, por exemplo, da Assinvéxis, mas também relevante para todas as outras Instituições Conscienciocêntricas que objetivam estudar assuntos de ponta, a exemplo da Apex” (ROSADO, 2009a, p. 15 e 16).

Ao afirmar que o campo de pesquisa da invéxis é frágil pela falta de relatos de experiências relacionadas a cursos intermissivos, Rosado mostra a fragilidade da sua pesquisa a começar pela superficial revisão bibliográfica invexológica realizada. Só para dar cinco, entre outros exemplos, desconhecidos ou ignorados por Rosado, publicados no *Journal of Conscientiology* e na revista *Conscientia: Accessing your Intermittive Course using the Existential – Inversion Technique and the Parapedagogic Laboratory: a Personal Account* (PÂMELA, 2004); *Remembrances of the Intermittive Course through the Expansion of the Mentalsoma* (MUSSKOPF, 2004); *Visit to a Training Center for Inverters Awaiting Rebirth* (SÁNCHEZ, 2004); *Memórias do Último Período Intermittivo* (BASSANESI, 1999); *Síndrome do Deslocamento Paracronológico* (SILVA, 2007).

O desconhecimento de Rosado sobre as experiências de intermissivistas, no caso, da CCCI, é evidente em sua bibliografia contida ao final do trabalho, talvez em virtude de seu afastamento das atividades e debates da Conscienciologia, principalmente da Cognópolis em Foz. Daí o porquê de suas afirmações aprioristas e superficiais.

A bibliografia do seu trabalho contém apenas 5 obras de Vieira (a mais atual, é a nova edição do *Projeciologia*, 2002, as demais são da década de 90) e somente mais 3 referências de trabalhos relacionados

a Invexologia. Entre elas, o artigo *Técnica da Apresentação da Trajetória de Vida*, organizado por Rosado, cujos coautores, presentes no Cinvéxis, em 2008, ressaltaram em debates que houve manipulação das experiências para interesses pessoais (no caso, apenas “confirmar” ideias que Rosado já tinha antes de iniciar o projeto). Por essa razão, o grupo se dissolveu. Tais depoimentos estão disponíveis para quem quiser analisar na videoteca da ASSINVÉXIS. O artigo não foi aprovado para a publicação na revista *Conscientia*, e vale registrar aqui um detalhe ressaltado por Rosado (2009a):

Projeto. Este artigo (“Mapeamento dos Aspectos Constitutivos da Invéxis”) pode ser incluído em uma série iniciada com “Técnica de apresentação da trajetória de vida”, escrito em 2007-2008 a partir de dinâmica onde os participantes do Grinvex-Rio apresentavam a cada semana um relato oral de suas vidas, visando compor uma panorâmica até a presente data.

Técnica. Tais relatos serviram de material empírico que resultaram em um trabalho técnico-metodológico, visando expor os procedimentos e inovações trazidos por tais dinâmicas, realizadas ao longo de 7 meses.

Uma questão para Rosado refletir: é ético fazer entrevistas, coletar “material empírico”, sem deixar claro quais são as suas reais intenções para o grupo envolvido no projeto? Tem autorização de todos os participantes para usar esse material em seus textos? Esses dados empíricos foram gravados e filmados? Se foram apenas anotados por Rosado, qual a confiabilidade dessas informações (filtradas pela memória do pesquisador)? O que esses dados mostram exatamente, excluindo as condenações morais de Rosado?

Só para lembrar: até 2007 foram produzidos 309 artigos com temáticas relacionadas à invéxis, além de 33 livros com capítulos e/ou citações sobre o tema (MUSSKOPF, 2007, p. 292). Qual a amostragem analisada por Rosado até o momento? Segundo sua bibliografia, até o momento ele analisou 0,64% dos artigos e 15,15% dos livros que discutiram a invéxis.

Assim, permanecem as seguintes lacunas: como Rosado concluiu que muitos inversores não rememoram seus cursos intermissivos? Fez alguma pesquisa de campo? Para quem ele perguntou isso? Onde estão os resultados? Fez isso com base em 0,64% dos artigos sobre invéxis que analisou?

Outro ponto curioso: Rosado almeja uma Invexologia mais investigativa, utilizando uma bibliografia espírita arcaica? Afinal, o que o Livro dos Médiuns (Kardec), duas obras de André Luiz (*Nosso Lar* e *Mecanismos da Mediunidade*) podem contribuir para o desenvolvimento da Invexologia? Rosado considera a Invexologia dogmática e aponta livros espíritas como referências ricas?

Bem, é verdade que Rosado não sugere apenas bibliografias arcaicas, mas os *best-sellers* *Violetas na Janela*, *Vivendo no Mundo dos Espíritos* e *Céu Azul*. Contudo, qual a confiabilidade de livros feitos com mero intuito mercadológico? Por que Rosado não utilizou Bauman, Berger, Burke, Lyotard, Giddens e Foucault também para analisar essas obras espíritas? Aliás, esses últimos autores tiveram suas ideias deturpadas de maneira leviana por Rosado, apenas para julgar as pessoas da CCCI.

Um detalhe: há mais referências espiritualistas (espíritas, transcomunicação, terapia de vidas passadas) do que invexológicas. Um pesquisador isento investiga o que é necessário, não aquilo que lhe convém e / ou é mais agradável (isso sim é apego emocional).

Outro ponto que vale a pena destacar: nem todos que tiveram projeções conscientes relatam suas experiências extrafísicas; nem todos os duplistas escrevem sobre seus relacionamentos; nem todos os escritores registram sobre a experiência de fazer um livro. Do mesmo modo, nem todos que rememoram o Curso Intermissivo relatam e escrevem sobre essas experiências. Se Rosado acha tão importante ampliar os relatos sobre experiência extrafísicas relativas ao curso intermissivo, então por que não inicia uma campanha

nesse sentido a partir do autoexemplo? O próprio proponente da Conscienciologia não publicou, até hoje, detalhes sobre seu Curso Intermissivo, mas mostrou sua lucidez e lembrança na materialização de suas ideias.

Partindo dessas premissas, que até o momento não possuem fundamento, Rosado ainda faz a seguinte reflexão com clara intenção pejorativa quanto aos inversores da CCCI:

Incompatibilidade. Utilizando-se o próprio esquema evolucionista de diagnóstico da Inxevologia (escalas e métricas), eis uma pergunta intrigante: – Até que ponto a falta de lembrança clara de proéxis e de acesso ao curso intermissivo denunciaria um nível evolutivo mediano-medíocre da consciência, fato este já incompatível com (ou restritivo da) proposta da invéxis?

Utilidade. Em termos práticos: para se saber se a técnica da inversão existencial terá utilidade em sua vida, a pessoa deve em primeiro lugar saber qual a sua programação existencial, um fato até certo ponto óbvio, porém ainda raro entre os inxevologistas (ólogos), ou pelo menos pouco explicitado em público pelos mesmos (ROSADO, 2009a, p. 21).

Afinal, o que pretende Rosado ao tentar classificar inversores da CCCI na condição de “nível evolutivo mediano-medíocre”? Realmente suas intenções são construtivas? Como pode afirmar que inversores desconheçam sua proéxis se ele se nega a debater esses temas em eventos públicos com inxevólogos veteranos (logo, não tem contato com os mesmos)? E aliás, quando foi que Rosado explicitou publicamente as diretrizes da sua proéxis, já que se considera praticamente da invéxis?

Mesmo que Rosado esteja certo (com o que não concordamos), há incoerência em seu raciocínio: ele afirma que os inversores são competitivos, buscam melhorar suas *performances* (rigidez) com base na escala evolutiva (sistema de controle). Ao mesmo tempo, insinua que a falta de lembrança clara de proéxis denunciaria um nível evolutivo mediano-medíocre da consciência. Isso não é uma condenação com base em valores e crenças pessoais? Não estaria sendo rígido demais e incitando competição entre seus colegas?

Mas Rosado não faz apenas críticas, ele propõe soluções para os inversores acessarem seus respectivos cursos intermissivos:

(...) para se chegar a esses tópicos e a esta clareza sobre a programação existencial pessoal deve-se ampliar o acesso aos fatores desencadeantes da memória, os amigos de curso intermissivo e o próprio local onde as atividades de planejamento foram acordadas, partindo-se do pressuposto de que ocorreu de fato algum curso intermissivo e esteve-se presente lá. Para se chegar a tal objetivo as projeções lúcidas (Projeciologia) e o estado vibracional (Energossomatologia) são os principais facilitadores conhecidos no atual momento da Conscienciologia.

Alternativas. Porém, como procedimento de pesquisa, nada impede que o pesquisador lance mão de outras formas de captação de informações “não certificadas” tais como psicografia, psicofonia, hipnose regressiva entre outros. As medidas lógicas ou critério-mor neste caso são a verificabilidade e a coerência, já que os itens mencionados não são meios de acesso pessoal à informação, mas sim intermediados e com maior tendência a interferências, não significando, porém, que a projeção da consciência e o estado vibracional sejam completamente isentos de falhas e imprecisões nas informações acessadas.

Futuro. Fazendo um exercício de futurologia (ou prospectiva), podemos pensar que daqui a 20 ou 50 anos possuiremos aparelhos sofisticados de comunicação com a dimensão extrafísica (RINALDI, 1997), tal como existem hoje os aparelhos de telefone e a internet que substituem parcialmente a telepatia e a clarividência viajora. Mas isso ainda não é fato no atual momento, apesar de todos os achados no campo da transcomunicação instrumental (TCI) que já oferece em suas bases de dados inúmeras comunicações extrafísicas em aparelhos diversos de gravação e reprodução de som (ROSADO, 2009a, p. 23 e 24 – grifos dos autores).

Em resumo: “um pesquisador-professor de Conscienciologia” sugere, além de PL e EV, psicografia, psicofonia e hipnose regressiva como alternativas para acessar informações de curso intermissivo. Aqui cabe o mesmo questionamento feito por Rosado, mas que ele não fez a si próprio ao escrever isso: há relatos de rememoração de curso intermissivo através desses recursos?

Estranho ele combater tanto a “tecnolatria em seu discurso”, supostamente exaltada na ASSINVÉXIS (segundo Rosado), e ao mesmo tempo fazer um exercício de prospecção considerando aparelhos que captam “comunicações extrafísicas”. Com a projeção consciente, essas tecnologias não seriam dispensáveis?

3.1. ÉTICA

Em todo seu trabalho, Rosado deixa de lado premissas básicas de metodologia e de ética necessárias em trabalhos científicos. A primeira delas é a transparência. Em muitos momentos, ele deixa de explicitar suas fontes, como e por que chegou às suas conclusões. Apenas em um arquivo em *power point*, disponível em seu *site*, Rosado (2009b, p. 4) comenta superficialmente o ponto de partida de sua investigação (Invexologia). Ele destaca: “contato formal e informal com inúmeros inversores”; “observação de inúmeros depoimentos espontâneos de inversores relatando suas angústias e problemas”.

O que significa “contato formal e informal”? No caso de “formal” foi feita uma entrevista? Que modelo de entrevista foi utilizado? Essas entrevistas estão gravadas e disponíveis? Quantos inversores exatamente foram entrevistados? O que esses inversores realmente disseram? O que foi declaração dos entrevistados e interpretação do pesquisador? Essas angústias e problemas se referem a que exatamente? Essas angústias atingiam outras áreas da vida pessoal? Perguntas que permanecem no ar no texto oblíquo de Rosado.

Só para citar o que afirma um, entre dezenas de autores especialistas em metodologia e ética, Romancini (2007, p. 23 a 47), doutor em Ciências da Comunicação pela USP, diz que um trabalho científico “tem a obrigação de expor com a máxima clareza suas fontes (de modo a permitir, se possível, que outros consultem-nas, os supostos que orientaram a coleta de seus dados, a problemática conceitual construída para o estudo e que orientou a análise”. Isso não é apenas uma exigência metodológica, mas um compromisso ético de qualquer pesquisador sério que esteja aberto a receber críticas e refutações do próprio trabalho.

Rosado, até o momento, não atendeu minimamente a esses requisitos, embora tenha em seu currículo um doutorado. Se ele conhece essas premissas, por que ainda não mostrou claramente suas fontes? Afinal, sua proposta é científica ou meramente opinativa?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar frisamos que a ASSINVÉXIS *não é contra a liberdade de expressão de Luiz Alexandre da Silva Rosado*, inclusive de manifestar suas impressões subjetivas. Contudo, não podemos nos omitir ao perceber que ele só faz críticas indiretas, justamente a respeito dos que deveriam ser os primeiros a recebê-las. *Mais uma vez reforçamos o convite para Rosado discutir publicamente suas ideias, em debate aberto para todos os interessados participarem.*

O conteúdo apresentado nesta carta representa apenas uma parcela das discordâncias que temos em relação às posturas e ideias apresentadas por Rosado. Sem dúvida, consideramos que a profilaxia ou condição ideal para evitar essa situação (explicitar discordâncias em cartas abertas ao público) seria o diálogo, a acareação ou o debate franco, sem melindre, orgulho ferido e rancor.

Tal constatação não é mera sugestão, mas a experiência dos dois autores desta carta em diversas outras situações similares envolvendo a ASSINVÉXIS, em que a amizade, a transparência, a lealdade e a sinceridade

prevaleceram diante das discordâncias, inevitáveis e saudáveis, no âmbito do trabalho das instituições conscienciocêntricas (ICs).

Estamos abertos a críticas e a prestar quaisquer esclarecimentos necessários. Agradecemos a atenção e a compreensão de todos.

Todas as fontes mencionadas aqui estão à disposição, para quem desejar consultar, na ASSINVÉXIS.

NOTAS

1. Em seu artigo *Mapeamento dos Aspectos Constitutivos da Invéxis e sua Noção Socialmente Construída*, Rosado se diz “não ativo no ano de 2009 devido à demanda de trabalho e estudo”. Para nós, “não ativo” tem o mesmo significado de “não ser”. Contudo, ele ainda se intitula professor e pesquisador da Conscienciolgia em vários endereços na internet (Ano-base: 2009).

2. O mais curioso é que entre os integrantes desse grupo não havia inversores que participaram das primeiras gerações dos grinvexes (1992–1998, até o I CINVÉXIS). Portanto, só poderiam afirmar isso mediante pesquisa documental ou entrevistas com percentual razoável de inversores desse período, o que, até onde se sabe, não foi feito.

3. Esse trabalho havia sido selecionado em meados de 2007, portanto, não teve nenhuma relação com a reunião de janeiro de 2008.

4. É importante esclarecer que não apenas nós acessamos o artigo, mas também pesquisadores de Foz do Iguaçu e de outras cidades. Em meados de maio de 2009, fizemos o *download* do arquivo que estava disponível no endereço <<http://alexandrosado.net78.net/>>. Não mais encontramos o mesmo material em setembro de 2009. Havia apenas um arquivo em formato Power Point (ppt), com versão “pasteurizada” de suas críticas.

5. Não nos referimos aqui ao IIPC SP, que provavelmente não conhecia o histórico de Rosado com a ASSINVÉXIS, mas a esse pesquisador que não mediu esforços para apresentar seu artigo em SP e no RJ, não demonstrando, no entanto, interesse em debater com a ASSINVÉXIS as críticas que faz à instituição.

6. Palestra pública proferida por Ryon Braga e organizada pela Comissão de Planejamento Estratégico da Cognópolis da UNICIN para apresentar o Censo Cognópolis Foz do Iguaçu 2009. Realizada no Polo Conscienciocêntrico *Discernimentum* no dia 06.09.09, em Foz do Iguaçu, PR.

7. O pesquisador em questão é Waldo Vieira.

REFERÊNCIAS

01. **Bassanesi**, M. C.; *Memórias do Último Período Intermissivo*; *Conscientia*, Artigo; Revista; Trimestral; Vol. 3; N. 1; Centro de Altos Estudos da Conscienciolgia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; Jan./Mar., 1999; páginas 28 a 33.
02. **Gomes**, Carla; *As Sem-filhos*; Reportagem; *Folha de S. Paulo*; *Revista da Folha*; Semanário; Capa; 6 fotos; São Paulo, SP; 31.03.02; páginas 4 a 9.
03. **Jornal da Invéxis**; Redação; *VII Congresso Internacional de Inversão Existencial*; Ano 14; N. 18; 24 fotos; Foz do Iguaçu, PR; Dezembro, 2007; páginas 3 a 5.
04. **Mageste**, Paula; *Ter Filhos para quê?* *Época*; Revista; Semanário; Ed. Globo; Entrevista: *Jerry Steinberg*; N. 220; 3 fotos; São Paulo, SP; 05.08.02; páginas 13 a 17.
05. **Mantovani**, Flávia; *Sem Descendentes*; Reportagem; *Folha de São Paulo*; Jornal; Diário; Ano 87; N. 28.722; 3 fotos; Caderno: *Equilíbrio*; Seção: *Família*; 22.11.07; capa e páginas 6 a 9.
06. **Musskopf**, Tony; *Bibliografia Específica Exaustiva da Invexologia*; *Conscientia*, Artigo; Revista; Trimestral; Vol. 11; N. 4; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciolgia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; Out./Dez., 2007; páginas 290 a 298.
07. **Idem**; *Remembrances of the Intermittent Course through the Expansion of the Mentalsoma*; *Journal of Conscientiology*, Artigo; Revista; Quadrimestral; Vol. 7; N. 26; International Academy of Consciousness; Londres; Inglaterra; Outubro, 2004; páginas 129 a 137.
08. **Nonato**, Alexandre; *Invexograma: Auto-avaliação da Invéxis*; *Conscientia*; Artigo; Revista; Trimestral; Vol. 11; suplemento 2; 1 tab.; 1 enu.; 1 cronologia; 1 questionário; 6 refs.; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciolgia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; Julho, 2007; páginas 77 a 81.

09. **Pâmela, Laiza**; *Accessing your Intermittent Course using the Existencial – Inversion Technique and the Parapedagogic Laboratory: a Personal Account*; *Journal of Conscientiology*, Artigo; Revista; Quadrimestral; Vol. 7; N. 26; 9 refs.; International Academy of Consciousness; Londres; Inglaterra; Outubro, 2004; páginas 129 a 137.

10. **Romancini, Richard**; *História e Jornalismo: Reflexões sobre Campos de Pesquisa*; *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*; Organizadoras: Cláudio Lago e Márcia Benetti; pref. José Marques de Melo; Artigo; 96 refs.; 21 x 14 cm; Editora Vozes; Petrópolis, RJ; 2007; páginas 23 a 47,

11. **Sánchez, Laura**; *Visit to a Training Center for Inverters Awaiting Rebirth*; *Journal of Conscientiology*; Artigo; Revista; Quadrimestral; Vol. 7; N. 26; International Academy of Consciousness; Londres; Inglaterra; Outubro, 2004; páginas 129 a 137.

12. **Silva, M.**; *Síndrome do Deslocamento Paracronológico*; *Conscientia*, Artigo; Revista; Trimestral; Vol. 11; suplemento 2; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; Julho, 2007; páginas 54 a 65.

13. **Vieira, Waldo**; *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1.058 p.; 700 caps.; 147 abrevs.; 600 enus.; 8 índices; 2 tabs.; 300 testes; glos.; 280 termos; 5.116 refs.; alf.; geo.; ono.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; Instituto Internacional de Projeziologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 1997; páginas 689 a 715.

14. **Idem**; *Homo sapiens reurbanisatus*; 3ª Ed. Gratuita; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia; Foz do Iguaçu, PR; 2004; página 198.

WEBGRAFIA

1. **Rosado, Alexandre**; *Mapeamento dos Aspectos Constitutivos da Invéxis e sua Noção Socialmente Construída*; artigo não-publicado, recebido por e-mail do autor para debate especial na VII Semana da Invéxis; 2009a.

2. **Idem**; *Proposta de Mapeamento dos Aspectos Constitutivos da Invéxis*; apresentação em power point (ppt) utilizado no IIPC-São Paulo; data da apresentação: 23.05.09; disponível em: <http://alexandrosado.net78.net/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=21&Itemid=32>; acesso em: 27.09.09b.

3. **Idem**; *Proposta de Mapeamento dos Aspectos Constitutivos da Invéxis*; disponível em: <http://alexandrosado.net78.net/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=14&Itemid=21>; acesso em: 15.05.09c.

4. **Idem**; *Técnica da Apresentação da Trajetória de Vida*; disponível em: <http://alexandrosado.net78.net/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=14&Itemid=21>; acesso em: 27.09.09d.

5. **Idem**; *Twitter*; disponível em: <<http://twitter.com/alexandrosado>>; diversos acessos em 2009.

